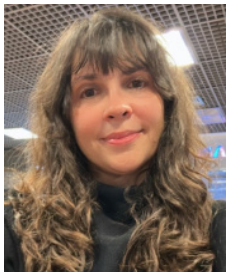
REVISTA ESPAÇO
n. 63
período jul-dez
ano 2025



Renata Cristina Fonsêca de Rezende



Esta edição da Revista *Espaço* (2026) será dedicada a Renata Cristina Fonsêca de Rezende, professora de Libras do Instituto Federal de Brasília IFB/ Campus Brasília, artista plástica, nascida em 1º de abril de 1982, em João Pessoa (PB), e residente atualmente em Brasília (DF).

1. Fale um pouco da sua família.

Sou surda. Nasci ouvinte, mas, aos 4 anos de idade, tive meningite, o que resultou na surdez. Nasci em João Pessoa (PB) e me mudei para Brasília (DF), pois meu avô trabalhava no Exército e, por isso, a família mudava com frequência de estado. Morei com meus avós e minha mãe. Estudei no Centro de Educação Auditiva e Linguagem Ludovico Pavoni (CEAL), em Brasília, onde inicialmente aprendi pela oralização. Posteriormente, tive contato com a Libras, o que me permitiu conhecer a comunidade surda e ampliar minha compreensão de mundo.

2. Qual é a sua formação acadêmica?

Possuo graduação em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário Unieuro e em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006–2010). Especialização em Libras pelo Instituto de Educação e Ensino Superior de Samambaia (IESA) (2008). Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (2019). Doutoranda em Literatura pela UnB.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.197-207
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

3. Como surgiu a sua paixão pelas artes?

Desde a infância, desenvolvi minha paixão pelas artes. Meu avô era cantor de ópera, e eu cantava com ele quando ainda era ouvinte. Após ter meningite, aos 4 anos, tornei-me surda e não consegui mais cantar como antes. Esse momento marcou uma mudança importante na minha relação com a arte. Durante muito tempo, convivi com a comunidade ouvinte, mas, posteriormente, ao entrar no universo da comunidade surda, passei a descobrir novas formas de expressão. Comecei a admirar as artes surdas, especialmente aquelas baseadas na visualidade, no corpo e na expressão em Libras. No teatro, encontrei um espaço potente de criação, onde a Libras se articula com o movimento, a expressão facial e o espaço cênico. A partir dessa experiência, compreendi que a arte não se limita ao som, mas pode ser vivida e produzida de forma visual e sensível. Isso fortaleceu minha identidade surda e ampliou minha forma de ver e produzir arte, transformando minha trajetória pessoal e profissional.

4. Quais são as suas experiências como artista? Em quais áreas você atua ou atuava? Artes visuais? Filme? Teatro? Documentário? Qual delas você gosta mais? Você atua em parceria com outros artistas surdos?

Nasci e cresci envolvida com a arte, o que influenciou diretamente minha trajetória como artista. Iniciei minha formação com referências importantes da comunidade surda: com Nelson Pimenta, aprendi sobre ritmo e expressividade, e com Silas Queiroz, desenvolvi o trabalho com o corpo, fundamental para minha atuação artística. Atuo em diferentes áreas, como teatro, cinema e artes visuais, sempre com foco na linguagem visual e na Libras. Ao longo da minha trajetória, participei como atriz em quatro produções entre filmes e espetáculos teatrais, consolidando minha experiência no campo das artes cênicas e audiovisuais. Sou idealizadora e diretora geral do Festival Despertacular, um festival bilíngue (Libras e Português) que tem como objetivo valorizar, promover e premiar artistas surdos de todo o Brasil. Essa experiência ampliou minha atuação também na produção cultural e na curadoria artística. No teatro, fui diretora, roteirista e atriz do espetáculo *Inter-Mundo*, apresentado na CONALI e posteriormente convidado para o Festival MOVI, em Caxias do Sul (RS). No cinema, atuei como diretora do filme *O Corpo da Liberdade*, além de desenvolver projetos que articulam arte, corpo e visualidade. Também tenho experiência na produção de festivais com diversidade de linguagens artísticas. Fui idealizadora, pesquisadora e roteirista do projeto *Perfovisual*, voltado à experimentação estética na arte surda. Além disso, atuei como coordenadora de Cultura Surda do Distrito Federal pela FENEIS, fortalecendo políticas culturais para a comunidade surda. Outro destaque da minha trajetória foi a criação do Projeto *Legendas*, voltado à acessibilidade em festivais de cinema em Brasília, ampliando o acesso de pessoas surdas às produções audiovisuais. Entre todas essas áreas, o teatro ocupa um lugar especial, pois é onde consigo integrar corpo, Libras, visualidade e identidade surda de forma mais intensa. Também valorizo muito o trabalho colaborativo e, sempre que possível, atuo em parceria com outros artistas surdos, fortalecendo uma produção coletiva, identitária e culturalmente significativa.

6. Como está a sua vida como artista no momento?

Minha vida como artista é marcada por desafios constantes, mas também por conquistas importantes. Em Brasília, consegui obter minha DRT de atriz, que é o registro profissional obrigatório emitido pela Delegacia Regional do Trabalho (DRT)/Ministério do Trabalho. Essa conquista representa um reconhecimento fundamental, pois legitima minha atuação profissional no teatro, no cinema e em outras áreas artísticas. Tenho buscado fortalecer o protagonismo surdo nas artes, ocupando espaços que historicamente foram dominados por ouvintes. Acredito na equidade entre artistas surdos e ouvintes e reafirmo, por meio do meu

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.197-207
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

trabalho, que sou capaz de atuar, dirigir e criar com qualidade, sensibilidade e potência. Atualmente, sigo desenvolvendo projetos artísticos e ampliando minha atuação, sempre com o compromisso de valorizar a Libras, a visualidade e a cultura surda. Minha trajetória continua sendo de resistência, afirmação e construção de novos caminhos para as próximas gerações de artistas surdos.

7. Qual é a definição de Artes Surdas de acordo com sua perspectiva?

Na minha perspectiva, as Artes Surdas são fundamentais para a existência e o reconhecimento da comunidade surda. Sem as artes surdas, a cultura e a identidade surda ficam invisibilizadas. Por isso, elas têm um papel essencial na valorização da Libras, da visualidade e das experiências próprias das pessoas surdas. As Artes Surdas são marcadas pela força do visual, do corpo e da língua de sinais, que expressam modos específicos de ver e compreender o mundo. Elas não são apenas uma adaptação das artes ouvintes, mas possuem caminhos próprios, estéticos e culturais, que refletem a identidade surda. Essas artes podem se manifestar de diferentes formas, como na pintura, no teatro, no cinema, nos filmes e em outras produções visuais. Em todas essas linguagens, a Libras ocupa um lugar central, contribuindo para a construção de sentidos, narrativas e expressões que fortalecem a cultura surda e dão visibilidade às suas histórias.

8. Antes dos seus estudos de mestrado e doutorado, como era a sua visão sobre Artes Surdas e hoje, academicamente, o que você vê nesta área que possa contribuir para a comunidade surda?

Antes de iniciar meus estudos de mestrado e doutorado, minha compreensão sobre as Artes Surdas estava mais ligada à vivência prática, à expressão artística e ao fortalecimento da identidade surda. Eu já reconhecia sua importância cultural, mas ainda não tinha aprofundado uma análise teórica e acadêmica sobre esse campo. Com a formação acadêmica, especialmente no mestrado em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UnB), ampliei minha visão. Minha pesquisa, intitulada *Perfovisual: a transcrição artística em língua de sinais*, propõe pensar a perfovisual como uma forma de registro artístico em Língua de Sinais, capaz de representar performances de artistas surdos. Essa proposta busca favorecer uma compreensão mais rápida e eficaz de produções visuais, considerando elementos como estética, ritmo e movimento. Atualmente, no doutorado em Literatura pela UnB, venho investigando perspectivas políticas do teatro surdo, entendendo-o como um espaço de resistência, expressão cultural e afirmação identitária. Esse percurso acadêmico tem me permitido compreender as Artes Surdas como um campo potente de pesquisa, que articula linguagem, cultura, política e estética. Acredito que essas reflexões podem contribuir significativamente para a comunidade surda, ao fortalecer a valorização da Libras, ampliar a visibilidade das produções artísticas surdas e consolidar esse campo como área legítima de conhecimento e criação. Além disso, esse trabalho também dialoga com o ensino de Libras e com as práticas cênicas, o que me motiva e inspira tanto na minha atuação profissional quanto acadêmica.

9. Você gostaria de deixar alguma mensagem ou inspiração para a comunidade surda?

Minha mensagem para a comunidade surda é que o nosso corpo fala. É por meio dele que expressamos quem somos, com nossos olhos, nossa visualidade e nossa língua. A Libras vive no corpo, no ritmo, na prosódia e na forma como nos colocamos no mundo. Convido cada pessoa surda a valorizar sua expressão, seu jeito de sinalizar e sua identidade. Quando usamos a Libras com consciência, estamos também refletindo nosso pensamento, nossa história e nossa cultura. Que possamos fortalecer cada vez mais nossa língua, nossa arte e nossa co-

munidade, ocupando espaços e mostrando nossa potência.

10. De que maneira seus projetos, tanto documentais quanto teatrais, contribuíram para a visibilidade e valorização da comunidade surda, especialmente nas áreas relacionadas ao teatro e aos projetos culturais?

Meus projetos têm como objetivo principal ampliar a visibilidade da comunidade surda e fortalecer sua valorização, especialmente no campo do teatro e das produções culturais. A partir da criação e participação em projetos teatrais e documentais, busco evidenciar a potência da Libras, da visualidade e da expressão corporal como formas legítimas de arte. Um dos principais exemplos é a criação do Festival Despertacular, que já conta com diferentes edições e se consolidou como um espaço importante de valorização da cultura e da identidade surda. O festival promove encontros, apresentações e reconhecimento de artistas surdos, incentivando a produção artística e o protagonismo dentro da própria comunidade. Além disso, desenvolvi diversos projetos culturais que dialogam com o teatro, o audiovisual e a pesquisa, contribuindo para ampliar os espaços de atuação de artistas surdos. Essas iniciativas ajudam a romper barreiras, dar visibilidade às produções em Libras e fortalecer uma cena artística mais inclusiva, diversa e representativa.

11. Selecione seu trabalho, sua produção e os projetos mais relevantes da sua carreira, bem como de outras áreas das artes, para colocar na Galeria de Artes da edição da Revista Espaço.



VOZ GRITO

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.197-207
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons



Sopro de Liberdade – cia Teatral em Sinalizar



Sonora - Expressomos

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.197-207
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons



Show Humor



Show Humor

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.197-207
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons



Festival Despertacular



Festival Despertacular

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.197-207
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons



Quem é você?



https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.197-207
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons



Filme – O Corpo da Liberdade



Des (encantos)

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.197-207
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons



Depois de Silêncio - os buriti



Depois de Silêncio - os buriti

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.197-207
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons



cidade de deus
CASOS E CONFLITOS

Cidade de Deus - CIACS



Cidade de Deus - CIACS

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.197-207
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons